

Entre o erudito e o popular

Rodolfo Valverde*

Nascido em 2009, o curso de Música da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sediado no Instituto de Artes e Design (IAD), produz frutos em projetos de pesquisa e extensão e em atividades artísticas, como concertos e recitais. A produção musical recente inclui CDs gravados e lançados em 2015, que demonstram a abrangência de interesses e as possibilidades de atuação abertas a alunos recém-formados ou ainda em graduação.

“Quebra o Coco” é a gravação de estreia da soprano Andreia Lira, resultado do seu trabalho de conclusão do bacharelado na UFJF. Nele, ela revisita mais de um século do cancionário de câmara brasileiro, que mostra claramente a perfeita simbiose entre a linguagem musical erudita europeia e a efervescência de ritmos e melodias surgidos na Terra Brasilis pela interação de culturas e raças.

Desde os seus primórdios, como em “Coração Triste” e em “Trovas”, de Alberto Nepomuceno (1864-1920), na qual a influência da música romântica europeia é prevalente, passando por expoentes da escola nacionalista da primeira metade do século XX, influenciada pela visão estética de Mário de Andrade, até chegar à produção atual, estilisticamente plural e multirreferencial, em canções de Jorge L. Santos e Leandro Renó (ele também ex-aluno do curso de Música), compostas especialmente para a cantora e gravadas aqui pela primeira vez, o recital de Andreia Lira oferece-nos uma visão ao mesmo tempo panorâmica e detalhada das características que nortearam a composição da música vocal de câmara no Brasil.

Como não poderia deixar de ser, pelo caráter dominante da música erudita brasileira no século passado, os nacionalistas ocupam a porção maior do programa em canções que demonstram diferenças e similaridades da incorporação da matriz brasileira na obra de compositores de referência, como Francisco Mignone (“Dona Janaína”); Mozart Camargo Guarnieri (“Vamos dar a despedida”, “Cantiga da Mutuca”, e a faixa-título “Quebra o Coco”); Lorenzo Fernandez (“Canção do Mar”); Heitor Villa-Lobos (com a indefectível “Melodia Sentimental”); e autores menos conhecidos como Luciano Gallet (“Taieiras”). Como contraponto, Andreia Lira inclui “Lua Branca” e “ Não se impressione”, da pioneira Chiquinha Gonzaga (1847-1935) que, cruzando as fronteiras entre o erudito e o popular, foi pedra fundamental na construção da identidade musical brasileira.

Na performance do repertório gravado, a soprano mantém a técnica vocal lírica, veículo originalmente pretendido pela maioria dos compositores representados no álbum e imprescindível para trazer à tona toda a gama expressiva contida em cada canção. Com uma interpretação plena de verve e timbre rico e perfeitamente ajustado ao universo musical de cada obra, e uma dicção que torna cada poema uma redescoberta, ela faz de seu CD de estreia um portfolio abrangente de seus amplos recursos artísticos, secundada por não menos talentosos intérpretes, como o pianista Marcos Paulo Lopes (recém-formado no curso de Música da UFJF e exímio camerista) e a percussionista Flávia Lima.

* Professor e coordenador do Bacharelado em Música do Instituto de Artes e Design (IAD) da UFJF